

Alile Dara Onawale/Divulgação



Em cartaz há um mês, 'Ainda Estou Aqui' já foi visto por mais de 2,5 milhões de pessoas nos cinemas brasileiros

Concorrência forte para Fernanda Torres

A concorrência de Fernanda Torres é forte. O Globo de Ouro divide parte de seu rol de premiações entre dois blocos: Drama e Comédia/Musical (que, estranhamente, inclui terror e ação). A carioca foi para o front das atuações dramáticas, e tem como adversárias Pamela Anderson (“The Last Showgirl”); Angelina Jolie (“Maria”); Nicole Kidman (“Babygirl”); Tilda Swinton (“O Quarto Ao Lado”) e Kate Winslet (“Lee”).

Premiada em Cannes, em 1986, por “Eu Sei Que Vou Te Amar”, a estrela de marcos do nosso teatro (“A Casa dos Budas Ditosos”) e de nossa TV (“Os Normais”) vem sendo elogiada em todos os festivais por onde “Ainda Estou Aqui” já passou, incluindo mostras em San Sebastián, Nova York, Toronto e Marraquech. No enredo de Salles, sua personagem Eunice leva uma rotina feliz, no Rio do início dos anos 1970, com as filhas (Vera, Eliana, Nalu e Babiu) e o filho (Marcelo), até militares à paisana levarem seu companheiro, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (pa-

pel de Selton Mello), para depor, sem explicações. Nunca mais dão notícias do paradeiro dele. Dali, ela se engaja numa cruzada em prol da verdade e vai estudar Direito para brigar contra as armadas de farda.

“Minha geração chegou ao cinema após 21 anos de ditadura militar. Muitas histórias não puderam ser contadas durante esses anos de chumbo”, lembra Salles, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã.

“Teria sido lógico abordá-las, mas o desastre do governo Collor no início dos anos 1990 nos obrigou a lidar com uma realidade imediata de um país novamente em crise. Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil.”

Ele e Fernanda trabalham juntos antes em “Terra Estrangeira” (1995) e “O Primeiro Dia” (1998) – em codireção com Daniela Thomas. Produzido por Maria Carlota Bruno (“No Intenso Agora”) e Rodrigo Teixeira (“A Vida Invisível”), “Ainda Estou Aqui”, que ganhou o prêmio de júri popular da Mostra

de São Paulo, é o primeiro longa de ficção de Walter depois de um hiato de 12 anos, iniciado depois do lançamento de “Na Estrada” (“On The Road”, 2012). Nesse período, ele lançou o .doc “Jia Zhangke, um Homem de Fenyang” (2014) e rodou curtas (“Quando a Terra Treme”). Em 1999, o cineasta concorreu ao Oscar com “Central do Brasil”, mas perdeu para “A Vida É Bela”, do italiano Roberto Benigni. Fernandona foi indicada em terras hollywoodianas também, mas foi preterida em favor de Gwyneth Paltrow, em “Shakespeare Apaixonado”.

No passado, acreditava-se que a vitória no Globo de Ouro era uma garantia de Oscar, mas hoje já se sabe que não, apesar de assegurar prestígio a suas/seus nomeadas/os. O maior peso no futuro dos oscarizáveis vem dos prêmios de entidades de classe, com destaque para duas: o Sindicato de Atrizes e Atores, o Screen Actors Guild (SAG) e o Sindicato de Produtoras/es, o Producers Guild of America (PGA). O primeiro anuncia seus concorrentes em 8 de janeiro e entrega suas láureas em 23 de fevereiro. O PGA revela

seus indicados em 10 de janeiro e contempla seus eleitos em 8 de fevereiro.

Em 17 de dezembro serão divulgadas as shortlists (espécie de eliminatória) da Academia de Hollywood, para algumas categorias. Trata-se de uma peneira dos 15 longas que passam pelo primeiro crivo da instituição em quesitos como Melhor Filme Internacional. Desse contingente saem os indicados, cinco ao todo, a serem anunciados no dia 17 de janeiro, quando sai a lista oficial de concorrentes que estarão em concurso na cerimônia hollywoodiana, agendada para 2 de março, no Dolby Theatre, em Los Angeles. Há 90 produções inscritas, do planeta inteiro. O mais importante periódico do mundo quando o assunto é a indústria audiovisual, a “Variety”, já bateu o martelo em prol de Walter. Segundo a publicação, o relato sobre Eunice já faz parte do “clube dos cinco”, ao lado do documentário “Dahomey”, do Senegal, que ganhou o Urso de Ouro de Berlim, e do drama musical “Kneecap” (Irlanda).

Nos demais quesitos do Globo de Ouro deste ano, a categoria Trilha Sonora tem como seu favorito o filme “Rivais”, com músicas de Trent Reznor & Atticus Ross. Entre suas canções está “Pecado”, cantada pelo baiano Caetano Veloso.

Fenômeno pop na seara do body horror, “A Substância” (“The Substance”), de Coralie Fargeat, hoje em circuito e em streaming (na MUBI), conseguiu emplacar uma indicação de Melhor Atriz (de Comédia/Musical) para Demi Moore, repaginando a fama da diva dos anos 1980 e 90. Ela vive uma atriz fracassada que se submete a um experimento para rejuvenescer. Sua adversária mais forte é Mickey Madison, estrela de “Anora”, que ganhou a Palma de Ouro de Cannes ao falar das peripécias de uma stripper ao se casar com um milionário russo doidão. Entre os atores, Sebastian Stan chama a atenção por ter sido indicado tanto front cômico quanto no dramático. Concorre por “O Aprendiz” (“The Apprentice”), no papel de Donald Trump, e por “Um Homem Diferente”, que lhe valeu o Urso de Prata de Interpretação na Berlinale.

Além de premiar o cinema, o Globo de Ouro também entrega troféus a produções de TV e de streaming. Na seara da dramaturgia serializada, os concorrentes com mais indicações são “O Urso” (na comédia, nomeado em cinco categorias) e “Shogun” (no drama, nomeado para quatro prêmios).

Durante a festa da Golden Globe Organization, a atriz Viola Davis vai receber um troféu honorário, o troféu Cecil B. DeMille, pelo conjunto de sua carreira.